

## CARTAS ABERTAS NA IMPRENSA DE MOSSORÓ-RN: ANALISANDO A TRAJETÓRIA DE UMA TRADIÇÃO DISCURSIVA

Lucimar Bezerra Dantas da SILVA

### RESUMO

Este artigo resulta da pesquisa PIBIC/UERN intitulada *Estudo da tradição discursiva “carta aberta” em jornais de Mossoró, ao longo do século XX* e tem como principal objetivo descrever e analisar o gênero carta aberta, a fim de conhecer as tradições discursivas que o constituem. O *corpus*, composto por 18 cartas abertas, foi coletado nos jornais *O Mossoroense* e *O Comércio de Mossoró*, entre os anos de 1904 a 1929. A análise visa a conhecer a trajetória desse gênero, buscando respostas para as seguintes questões: quais os propósitos comunicativos das cartas abertas? O que os temas das cartas revelam sobre o contexto sócio-histórico de Mossoró no início do século XX? Quem são os interlocutores? Que tradições discursivas compõem esse gênero epistolar? A fundamentação teórica baseou-se no modelo de Tradição Discursiva (TD), conforme Kock (1997) e Kabatek (2004a, 2004b) e nos estudos diacrônicos de gêneros textuais, entre os quais destacamos Zavam (2009); Silva (2012) e Longhin (2014). As análises mostraram que nas três primeiras décadas do século XX as cartas abertas tiveram destacada função social nos jornais mossoroenses, visando a diferentes propósitos como denunciar, reivindicar, criticar, defender-se de acusações etc., mas, a partir da década de 30 foram rareando e, praticamente desapareceram da imprensa jornalística local.

**PALAVRAS-CHAVE:** Carta aberta; Tradição Discursiva; História Social; História dos Textos.

### Introdução

Alguns dos estudos que adotam o modelo das Tradições Discursivas (KABATEK, 2004a) têm buscado aliar conceitos advindos da Linguística Histórica, da Linguística Textual e da História Social a fim de conhecer as transformações que afetam os gêneros ao longo do tempo e identificar os traços linguísticos recorrentes, ou seja, as tradições discursivas que caracterizam cada gênero em particular. Os estudos diacrônicos de textos partem da premissa de que os gêneros apresentam características

que permitem aos leitores reconhecê-los e situá-los no tempo, pois seguem modelos historicamente convencionalizados. Essa questão tem relação com o que Coseriu (1979), citado por Kabatek (2004b), denominou de historicidade como tradição. A historicidade como tradição refere-se,

a todas as manifestações culturais repetíveis, incluindo as linguísticas. Trata-se aqui das tradições de uma comunidade, da recorrência na criação de objetos culturais, da possibilidade de se referir a fatos culturais anteriores, evocados em fatos novos por conta de semelhança funcional ou formal ou por parcial harmonia. Trata-se aqui daqueles objetos culturais disponíveis em uma comunidade para a repetição, a qual sempre inclui a mudança em duas direções possíveis: ampliando o modelo anterior ou particularizando-o. (Kabatek, 2004b: 162-163)

É, portanto, a possibilidade de particularização dos modelos textuais da tradição que permite associar os textos às condições sócio-históricas-culturais em que foram produzidos.

Nesse sentido, a noção de (TD) deve ser entendida como um modelo textual, social e historicamente convencionalizado que determina as tradições de fala de uma determinada comunidade (Longhin, 2014) ou como afirma Costa (2008: 2) “toda forma de regularidade textual”. Essa perspectiva de estudo, portanto, possibilita relacionar a história da língua à história dos textos e à história social.

Na última década, as pesquisas diacrônicas de gêneros têm mostrado certa ênfase nos gêneros epistolares. Isso pode ser explicado pela quantidade e variedade de cartas disponíveis na imprensa jornalística desde o século XIX, como carta ao redator, carta do leitor, carta do redator, carta de notícias, carta aberta e carta-crônica etc. Além dos diversos gêneros de cartas publicados nos jornais, há ainda corpora de cartas pessoais e cartas administrativas disponíveis em acervos públicos e nos bancos de dados do PHPB (Projeto de História do Português Brasileiro) e do PHPP (Projeto da História do Português Paulista).

Dentre as pesquisas que abordaram gêneros epistolares numa perspectiva diacrônica podemos citar Andrade (2008a, 2008b) que analisou cartas de leitores; Brandão, Andrade e Aquino (2009) que estudaram as tradições discursivas em cartas da administração privada e cartas particulares dos séculos XVIII ao XXI no Estado de São Paulo; Zavam (2009) que analisou a trajetória do editorial em jornais cearenses, considerando que os editoriais, inicialmente, apresentavam estrutura de carta; Silva (2012) que estudou as tradições discursivas em cartas-crônica publicadas em jornais

norte-rio-grandenses nos séculos XX e XXI; e Melo (2014) que identificou as fórmulas textuais das cartas oficiais norte-rio-grandenses no período de 1713 a 1931.

Nesse contexto, pretendemos contribuir com as pesquisas na área, estudando um gênero epistolar ainda pouco investigado.

### Aspectos metodológicos

A coleta das cartas foi realizada no arquivo do Museu Lauro da Escóssia, na cidade de Mossoró-RN, em dois jornais: *O Mossoroense*, fundado em 1872<sup>10</sup> e *O Commercio de Mossoró*, fundado em 1904. Como as cartas abertas apresentam muita semelhança com as cartas de notícias<sup>11</sup> e com as cartas do redator, decidimos estabelecer como critério para selecionar *corpus* a identificação do gênero como “carta aberta” (cf. Figura 1). Outro critério utilizado para coletar o *corpus* foi considerar a sequência textual predominante. Como a carta aberta se insere entre os gêneros jornalísticos opinativos (Bonini, 2003; Silva, 2002), levamos em conta a predominância da sequência textual argumentativa nos textos identificados como cartas abertas. Com base nesses critérios, constituímos um *corpus* com 18 cartas.

Após a coleta, para a qual foi empregada a técnica da fotografia, os textos foram submetidos à edição semidiplomática (cf. Figura 1), conforme normas estabelecidas pelo PHPB. Nesse sentido, mantivemos a grafia, a acentuação, o uso de maiúsculas e minúsculas e a pontuação originais. Eventuais erros de composição foram marcados com (*sic*) logo após o vocábulo e remetidos para nota de rodapé a fim de registrar a lição por sua respectiva correção. Por fim, a divisão das linhas do documento original foi preservada, pela marca de uma barra vertical entre as linhas e pela marca de duas barras verticais para indicar a mudança de parágrafo.

Para a análise dos dados, adotamos o modelo proposto por Zavam (2009) que estabeleceu duas categorias teórico metodológicas para a análise de tradições discursivas: o *contexto* e o *texto*. O contexto inclui três categorias analíticas: a ambiência, os interlocutores e a finalidade comunicativa. O texto também possibilita a análise de três categorias: o conteúdo, a norma e a forma.

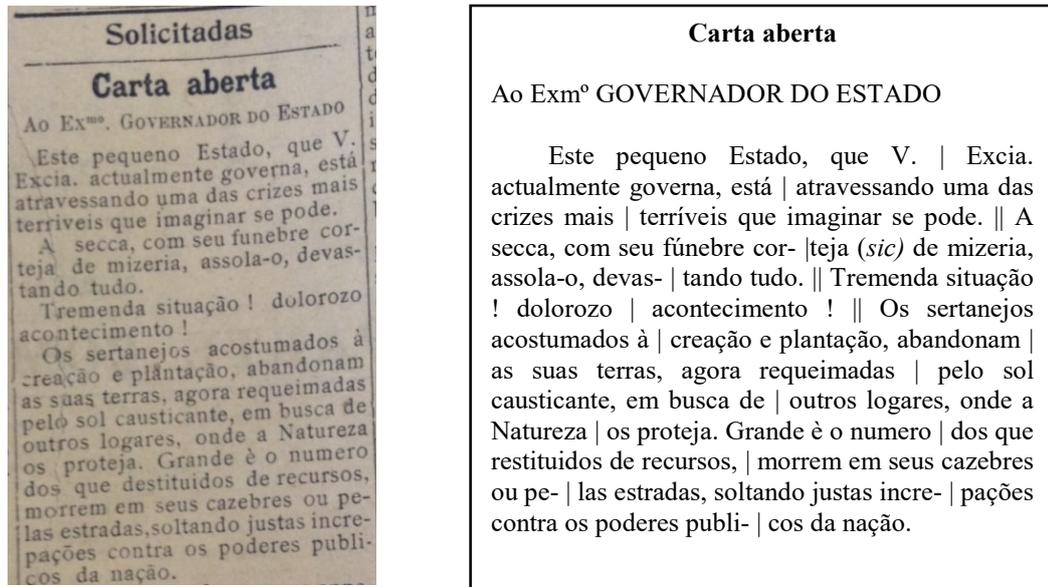
---

10 *O Mossoroense*, ainda em circulação, é o terceiro jornal mais antigo do Brasil.

11 O gênero carta de notícia era utilizado pelos correspondentes do jornal para enviarem notícias de outras cidades da região.

Entendemos que esse modelo permite ao pesquisador uma ampla visão da história de um determinado gênero numa perspectiva diacrônica, uma vez que viabiliza analisar questões específicas da língua além de elementos que dizem respeito à história social em que o texto foi produzido e circulou.

Figura 1: Carta aberta no jornal e edição semidiplomática



Fonte: Jornal *O Mossoroense*, (Edição de 08 de agosto de 1908)

Portanto, para conhecer a trajetória desse gênero textual em dois jornais da cidade de Mossoró-RN, a análise, com base nas duas categorias teórico metodológicas texto e contexto, se propõe a responder as seguintes questões? Quais os propósitos comunicativos das cartas abertas? O que os temas das cartas revelam sobre o contexto sócio-histórico de Mossoró no início do século XX? Quem são os interlocutores? Que tradições discursivas compõem esse gênero epistolar?

É importante ressaltar que no projeto de pesquisa nosso intuito era estudar a carta aberta ao longo de todo o século XX, porém, à medida que os dados foram sendo coletados, verificamos uma diminuição do gênero, de modo que, a partir da década de 30, não localizamos mais nenhum exemplar de carta aberta.

Isso mostra que, assim como ocorre com todos os gêneros, as cartas abertas, bastante utilizadas pela comunidade letrada de Mossoró, no início do século XX, para atender a diferentes propósitos, também sofreram transformações e, provavelmente foram substituídas por outros gêneros. Isso reforça a tese de que as transformações sócio-históricas são determinantes para o surgimento de novas formas textuais mais

eficientes para mediar a comunicação humana. Nesse sentido, os gêneros transformam-se, passam por diferentes processos de transmutação, como demonstrou Zavam (2009), podem cair em desuso e ressurgirem depois de sofrerem mudanças, a fim de atender a novos propósitos, mas também podem desaparecer, quando deixam de ter utilidade na interação humana.

### As tradições discursivas e a história dos textos

O conceito de Tradição Discursiva (TD) teve como ponto de partida, em fins do século passado, as reflexões de Coseriu (1979; 1980) acerca dos três níveis de linguagem - universal, histórico e individual - no âmbito da Linguística Românica Alemã. A divisão coseriana entre os três níveis do falar foi o ponto de partida para que Koch (1997), influenciado pelas reflexões de Schlieben-Lange (1983), desenvolvesse o conceito de TD.

Segundo Coseriu (1980), a linguagem, relacionada ao saber elocucional, é uma atividade comum a todos os homens capazes geneticamente de falar. Essa capacidade inerente ao homem diz respeito ao nível *universal*. No entanto, quem fala utiliza uma língua natural específica e isso pressupõe o saber idiomático. Portanto, saber uma língua concreta se insere no nível *histórico*. Quando comparamos usuários de uma mesma língua, podemos perceber que eles apresentam diferentes competências para elaborar textos. Essa competência diz respeito ao nível *individual* e opera o saber expressivo.

Esquemáticamente, os níveis de linguagem, segundo Coseriu, podem ser representados da seguinte forma:

Quadro 1 - Níveis da linguagem, segundo Coseriu

Níveis	Atividade	Tipo de saber	Produto
Universal	atividade do falar em geral	saber elocucional	totalidade do falado
Histórico	língua histórica particular	saber idiomático	(língua abstrata)
atual/individual	Discurso	saber expressivo	“texto”

Fonte: Coseriu (1980: 93)

A teoria da linguagem coseriana apresenta pontos essenciais que podem ser resumidos da seguinte forma:

- a) Embora os três níveis de linguagem sigam regras próprias, eles são interdependentes;
- b) O nível individual não é mera realização de uma historicidade determinada, pois, enquanto há políglotas que realizam diferentes tradições históricas, não há nenhum indivíduo que realize essa ou aquela língua (tradição histórica) em sua totalidade;
- c) Um texto não corresponde a uma só historicidade, pois pode apresentar elementos de várias tradições linguísticas.

### **A duplicação do nível histórico e o conceito de TD**

O conceito de TD desenvolveu-se a partir de questionamentos feitos por Schlieben-Lange (1983) sobre o funcionamento do nível individual da linguagem proposto por Coseriu (1979; 1980). A autora defende que o discurso não requer somente o saber expressivo, pois enquanto cada discurso é único, o saber expressivo permite a possibilidade de reprodução.

Assim, para não haver dúvidas entre o nível individual e o saber expressivo, e entre o saber idiomático e o saber expressivo, Koch (1997) propôs modificar o esquema coseriano, ampliando o nível histórico, conforme quadro a seguir:

Quadro 2 - Níveis e domínios linguísticos, segundo Koch

<b>Nível</b>	<b>Domínio</b>	<b>Tipo de regras</b>
Universal	atividade do falar	regras elocucionais
Histórico	língua histórica particular	regras idiomáticas
	tradição discursiva	regras discursivas
atual/ individual	discurso	

Fonte: Koch (1997:45)

Ao relacionar as regras aos domínios da linguagem, Koch (2008) defende que a definição dos tipos de regras contribui decisivamente para a compreensão da natureza do discurso. Assim, ao domínio da atividade de falar correspondem as regras

elocucionais; ao domínio da língua histórica particular correspondem as regras idiomáticas e ao domínio das tradições discursivas correspondem as regras discursivas.

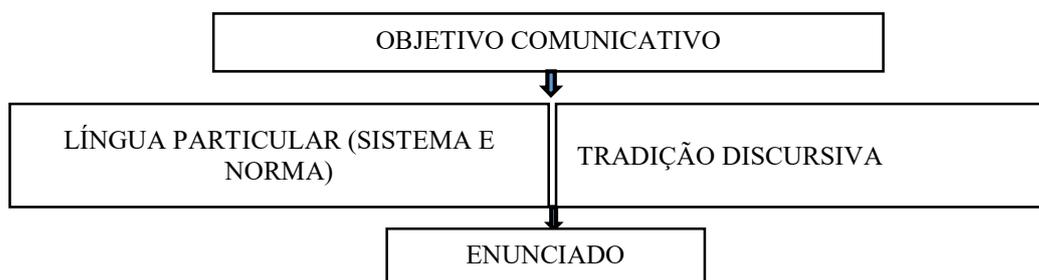
Para Koch (2008), o domínio do discurso não possui regra específica, pois nele os falantes fazem uso ao mesmo tempo de regras elocucionais, idiomáticas e discursivas.

Uma das principais contribuições da duplicação do nível histórico foi mostrar que a historicidade das tradições discursivas é diferente da historicidade das línguas históricas. Assim, as línguas históricas definem as comunidades linguísticas e as comunidades linguísticas (profissionais, religiosas, literárias) definem as tradições discursivas (Koch, 1997, 2008).

Portanto, como cada TD corresponde a um conjunto histórico de discursos individuais, para Koch (2008) não é coerente dizer que o saber expressivo está situado no discurso individual. Os falantes e ouvintes seguem regras históricas (discursivas) e, mesmo que inovem no nível do discurso, ao transgredirem regras idiomáticas, há uma obediência às regras elocucionais.

Para Kabatek (2004a), a duplicação do nível histórico permite ver a língua como sistema gramatical e lexical e como TD. Isso significa que todo ato de fala ou enunciado que apresente uma finalidade comunicativa concreta passa por dois filtros antes de se concretizar em forma de enunciado: o filtro da língua, enquanto sistema e norma, e o filtro das TD. Em decorrência disso, é possível afirmar que as TD compartilham a mesma historicidade das línguas, como fica claro na figura a seguir:

Figura 2 - Tradições discursivas (TD)



Fonte: Kabatek (2004a:16)

Considerando o esquema da figura 1, pode-se perceber que o enunciado resultante de uma finalidade comunicativa passa, ao mesmo tempo, pelos filtros da historicidade da língua e da historicidade das TD. Um enunciado como “meus pêsames”, por exemplo, considera aspectos da historicidade da língua portuguesa e da

historicidade de uma tradição de fala usada para cumprimentar os parentes de um ente que faleceu e que se repete ao longo do tempo.

Embora Kabatek (2004b) admita que as tradições discursivas compartilhem a mesma historicidade das línguas, ele esclarece que há diferenças entre a historicidade das línguas e a historicidade das TD. A primeira coincide com a historicidade do ser humano e está condicionada à historicidade da língua. “O indivíduo falante incorpora na aquisição da linguagem uma língua particular e ele a recria dentro de si como *técnica* aberta, a qual lhe permite a ação linguística criativa” (KABATEK, 2004b: 162 – grifo do autor). A historicidade das TD, por sua vez, está diretamente relacionada à história dos textos e à história cultural dos povos.

Sobre a historicidade dos textos, Kabatek (2004b) lembra que todo texto estabelece uma relação de tradição com outros textos. Essa relação pode se dar pela repetição de uma determinada finalidade textual, de um determinado conteúdo ou de traços formais. Isso significa que a produção de um enunciado – uma saudação, por exemplo - requer, ao mesmo tempo, conhecimento linguístico e conhecimento sobre a TD de saudar em determinada cultura.

### **Caracterizando o gênero carta aberta**

A carta aberta é um gênero opinativo que se insere na esfera jornalística e tem por finalidade comunicativa apresentar e discutir um tema de interesse público ou pessoal, cujos propósitos comunicativos visam a defender um ponto de vista, uma ideia ou um projeto; reivindicar; denunciar pessoas; acusar pessoas; defender-se de acusações; criticar posicionamentos políticos; elogiar etc.

A carta aberta, seguindo a norma da maioria dos gêneros epistolares, apresenta os seguintes elementos: abertura (saudação inicial, nome do destinatário); texto (desenvolvimento do conteúdo temático) e fechamento (despedida, assinatura do remetente e, eventualmente, local e data). Porém, como frisou Marcuschi (2002:30) “um gênero pode não ter uma determinada propriedade e ainda continuar sendo aquele gênero.” Isso significa que a ausência de algum desses elementos não inviabilizará a definição do gênero como carta aberta.

As cartas abertas podem vir assinadas por um único indivíduo ou grupo de pessoas que possuam interesses comuns, como, por exemplo, membros de um partido político, instituições públicas ou privadas, sindicatos, entidades não governamentais, entre outros, para expor ao público leitor questões que requerem um posicionamento, que seja de adesão ou de repúdio.

Os autores de cartas abertas são, geralmente, indivíduos bem relacionados na sociedade em que se inserem, com bom nível de escolaridade e que possuam poder de influenciar.

Quanto ao conteúdo temático, uma carta aberta pode abordar qualquer tema que suscite questionamentos e que seja de interesse da coletividade, embora interesses individuais também possam ser expostos e discutidos por meio dela.

Com relação aos meios de divulgação, observamos que, se antes o jornal impresso era o suporte mais utilizado para a publicação de cartas abertas, hoje ele foi substituído pela internet. Isso pode ser explicado pelo fácil poder de disseminação dos fatos na mídia digital, pela possibilidade de repercussão e resposta imediata do leitor. Essa dinamicidade pode resultar numa mobilização mais eficiente da população em torno do assunto exposto.

### **O contexto sócio-histórico da cidade de Mossoró no início do Século XX: o conteúdo temático, o propósito comunicativo e os interlocutores.**

Para analisar o contexto sócio-histórico das cartas que constituem o *corpus*, selecionamos três categorias: o conteúdo temático, o propósito comunicativo e os interlocutores, para conhecer que temas são tratados nessas cartas, quem são seus autores, para quem se destinam e com quais propósitos comunicativos.

Com relação ao conteúdo temático, é importante destacar que a problemática da seca é o ponto de partida para a publicação de várias das cartas que constituem o *corpus*, isso porque a primeira década do século XX ficou marcada pela ocorrência de sucessivas secas na região Nordeste do Brasil.

O ano de 1904<sup>12</sup> também não choveu e os governantes tentavam encontrar soluções para amenizar o sofrimento do povo. Para conhecer a realidade da seca e

---

12 Das 18 cartas que constituem o *corpus*, 09 foram publicadas em 1904.

estudar saídas, foram enviadas às regiões afetadas comissões de técnicos e engenheiros de obras contra as secas. Uma das prioridades era viabilizar a construção de reservatórios de água. Silva e Medeiros (2008) afirmam que existia na época a crença de que a açudagem era uma solução imediata para amenizar os efeitos da seca, pois mantinha o sertanejo na sua terra, evitando o êxodo para as cidades litorâneas e garantia, por meio da irrigação em tempos de seca, a produção agrícola.

A cidade de Mossoró era um importante polo comercial e havia um grupo de ricos empresários e comerciantes interessados em alocar recursos do governo federal para a construção de uma ferrovia que interligasse o porto de Areia Branca<sup>13</sup> a Mossoró e de Mossoró a outros centros consumidores, a fim de favorecer o escoamento da produção de sal e de outros produtos produzidos na região.

Cientes do objetivo da Comissão chefiada pelo Dr. Sampaio Correia, o redator do jornal *O Mossoroense*, em nome de interesses do grupo de empresários, publicou no período de 23/03 a 12/06 de 1904 uma série de cinco cartas abertas, destinadas ao referido engenheiro. O propósito era convencer chefe da Comissão de que a construção de ferrovias era, economicamente, mais viável do que a construção de açudes, como fica claro no argumento abaixo, extraído da carta aberta publicada em 23 de março de 1904:

- a) || Como se não fôra bastante o dis- | pendio de grandes sommas com soc- |  
corros publicos, a conhecida açuda- | gem, que sem agua tem levado  
mui- | to dinheiro agua abaixo, e as peque- | nas estradas de ferro para  
recreio | das Capitaes e dos Capitalistas, mais | têm aggravado, em pura  
perda, a | situação financeira do nosso queri- | do Paiz. || Os açudes, que  
sô contêm aguas | quando chove, reclamam constantes | despezas para a  
sua conservação, sem | que, em tempo algum, proporcionem | uma renda  
qualquer.

Na terceira carta aberta, publicada em 17 de maio de 1904, o produtor apresenta argumentos para desqualificar a prática da açudagem como alternativa para sanar os efeitos da seca:

- b) || Força, pois, é concluirmos que | reservatorios d'agua não são  
*remédios* | *eficazes* contra as seccas e menos | podem ser *medidas de*  
*prevenção* | contra estas, desde que a utilidade | desses depósitos depende dos  
in- | vernos e se estes houvesse aquel- | les não se manifestariam.|| Ter  
depositos d'agua, mas não | ter agua para botar nesses depositos, | vale o  
mesmo que ter bolso pra | botar dinheiro e não ter dinheiro | para botar no  
bolso.

---

13 Cidade do litoral norte do Rio Grande do Norte, grande produtora de sal e distante 35 km de Mossoró.

Em outra carta aberta, o produtor mostra dados concretos sobre as vantagens econômicas das estradas de ferro. Ele defende que o desenvolvimento do país dependia da construção de ferrovias e que, ao contrário dos açudes, as ferrovias trariam a riqueza que ajudaria a tirar a região da miséria em decorrência da seca, conforme trecho da carta aberta de 16 de abril de 1904.

c) || No nosso humilde entender, ja | que não podemos, durante as esta- | ções dos invernos, prender ou des- | viar a ventos allisios, somente gran- | des estradas de ferro que liguem o | norte ao sul da Republica, e cortem | as diferentes regiões do Brasil, po- | derão trazer o remedio que cure os | males que as seccas produzem, e de | males eguaes nos preserve.

Na última carta aberta da série, a mais extensa das cinco, publicada em 12 de junho de 1904, há uma menção ao Sr, Graff. Tratava-se do rico comerciante suíço Johann Ulrich Graff que se fixou em Mossoró em 1866 e idealizou a construção de várias ferrovias interligando cidades do Estado do Rio Grande do Norte e também de grandes ferrovias para interligar as regiões do Brasil. Foi ele que realizou estudos para mostrar a viabilidade de uma ferrovia ligando o Porto de Areia Branca a Mossoró e a outras cidades do interior do Rio Grande do Norte<sup>14</sup>.

Esses estudos consistiam em levantamentos sobre a capacidade de navegação da Barra, onde ficava o Porto de Areia Branca; sobre o relevo plano, propício à construção de uma ferrovia; sobre a existência de madeira nas margens da futura estrada de ferro e sobre as riquezas produzidas nas cidades que seriam beneficiadas pela ferrovia. Uma ferrovia era considerada um negócio excelente para a economia da região, pois facilitaria o escoamento da produção e viabilizaria a importação.

Ulrich Graff fez até os cálculos comparando os valores que seriam gastos pelo governo para construir açudes e estradas e ferro. Se intuito era provar que enquanto as ferrovias dariam lucro, os açudes dariam prejuízo, pois só seriam viáveis se houvesse chuva. Na conclusão dessa última carta aberta da série enviada a Sampaio Correia, há uma tentativa clara de convencer o chefe da Comissão de que a construção de ferrovias seria a solução para acabar com a pobreza:

d) ||Para não nos prolongarmos mais | em apreciações que, de certo, não | escaparão a vossa reconhecida com- | petencia e a de vossos companheiros | de comissão, permittí que adian- | temos, pelo conhecimento proprio | que

---

14Mais informações sobre as ferrovias idealizadas por Ulrich Graff estão disponíveis em <http://www.estacoesferroviarias.com.br/rgn/ulrick.htm> e em <http://blogdetelescope.blogspot.com.br/2013/01/o-sonho-do-graff-1915-mossoro-rn.html> Acesso em 14/09/2015

temos das regiões que devem | ser apanhadas e servidas pela pro- | jectada  
ferro-via, que esta poupará | á Nação as grandes despesas com | socorros  
públicos, porque depois | d'ella serão nenhuns os efeitos das | seccas; que  
aumentarão de modo | incalculável as industrias pastoris e | agrícolas as  
principaes d'essas regiões; | que novas industrias de logo ahi se |  
desenvolverão; e que, em pouco | tempo, ver-se-á este povo faminto |  
prodigalizando largos favores, em | vez de mendigar a escassa esmola. (O  
Mossoroense: 12/06/1904)

O flagelo da seca também é mencionado em uma carta aberta, publicada em 08 de agosto de 1908, assinada por salineiros da cidade de Macau e destinada a Alberto Maranhão, o então governador do Rio Grande do Norte. Os salineiros reclamam da crise econômica pela qual o Estado atravessa em consequência da seca e afirmam que a indústria do sal, prejudicada pela alta de impostos, encontra-se numa severa crise. A crise na indústria salineira agrava ainda mais a economia local, pois deixa de ser uma alternativa de trabalho para os flagelados da seca, como acontecia em outros tempos.

Os salineiros que assinaram a carta têm como propósito denunciar que, apesar da grande produção de sal, os donos de salinas foram prejudicados pelo contrato assinado entre o governo do Rio Grande do Norte e a Companhia Comércio e Navegação. O aumento de impostos fez o produto potiguar ficar menos competitivo, uma vez que a referida Companhia monopolizava o sal e podia comprá-lo de outros estados por um preço mais baixo. Essa situação é mencionada em várias passagens da carta, como, por exemplo, o trecho selecionado abaixo:

e) ||Os Snrs. Tertuliano Fernandes | & C. e Cel. Francisco Tertuliano, |  
possuem importantes salinas nes- | te estado com grande Stok de | sal, veêm-  
se na dura contingencia | de abandonarem suas proprieda- | des, soffrendo  
consideraveis pre- | juizos, para irem explorar salinas | em outros estados  
onde possam | livremente exercer a sua indus- | tria, e livre estejam do  
arbitrio | da Companhia Commercio e | Navegação.(O Mossoroense, 08 de  
agosto de 1908)

Em várias cartas abertas publicadas nos primeiros dez anos do século XX, há denúncias sobre o abandono por parte dos governantes que nada fizeram para melhorar a convivência do sertanejo com a seca. Em 11 de Agosto de 1907, o Commercio de Mossoró publicou uma carta aberta escrita por Orlando Correia, um acadêmico de direito, ao Capitão Bento Praxedes, então redator chefe do mencionado jornal. A carta tinha como propósitos denunciar a situação de miséria da população de Pau dos Ferros

afetada pela seca, pedir a Bento Praxedes para continuar lutando em favor dos sertanejos, criticar o antigo Presidente, Rodrigues Alves, e elogiar Afonso Pena, o Presidente do Brasil na época.

Conforme as palavras do produtor, o governo de Rodrigues Alves foi omissivo em relação à grave situação do sertão nordestino em decorrência das secas de 1903 e 1904, conforme trecho a seguir:

f) || Aquelles dois anos calamitosos, sem | exemplo talvez nos annaes da histo- | ria das seccas no sertão foram por si | sós, bastantes para darem a prova | provada do quanto foi nullo e nefasto | o governo do Sr. Rodrigues Alves que | ficou indelegavelmente perpetuado na me- | moria do sertanejo que ainda hoje o | maldiz.

O ano de 1919 também foi seco, como atesta a carta aberta publicada no Mossoroense em 23 de abril e assinada por um grupo de empresários e políticos influentes da cidade de Mossoró: Jerônimo Rosado (Presidente da Intendência); Vicente da Mora e Cia.; P. P. de Tertuliano Fernandes e Cia.; Dr. Raphael Fernandes Gurjão; Camilo Figueiredo e Cia.; M. F. do Monte e Cia.; e, Luiz Colombo Ferreira Pinto. Na carta, o propósito é reivindicar das autoridades a construção de obras contra as secas, conforme trecho a seguir:

g) O PROLONGAMENTO DA ESTRADA DE FERRO DE | MOSSORÓ até Petrolina, a construção DO AÇUDE DO | CANTO DA LAGOA NO RIO UPANEMA<sup>15</sup>, e da barragem | de pedrinhas, no Rio Mossoró, são obras, para nós, | utilíssimas, precursoras do futuro de nossa terra, e | que executadas agora, virão implantar beneficios in- | calculáveis á pobreza e ao município. (O Mossoroense: 23/04/1919)

É importante mencionar que, durante os anos de seca, a cidade de Mossoró era duramente afetada, pois, embora a agricultura não fosse a principal fonte de subsistência da população, era para esse Município que os flagelados emigravam em busca de meios de subsistência.

As cartas abertas também eram escritas com o propósito de fomentar as intrigas entre membros da imprensa local. As discordâncias eram resolvidas com publicações pouco amistosas, nas quais se abusava de atributos pejorativos para desqualificar o oponente. Um exemplo disso é a carta publicada no Comércio de Mossoró, em 12 de junho de 1904, cujo destinatário era o articulista do Correio de Macau, Antero de Lima. O autor da carta aberta, o Senhor J. Martins de Vasconcelos, acusa Antero de Lima de

---

15 Grifos do Original

ter proferido injúrias contra sua pessoa e contra comerciantes de outras cidades. A carta é escrita em tom agressivo e irônico:

h) ||Ao incógnito Antero de Lima || Muito bem! Seu Anthero, muito bem!  
|| Li suas pestilencias infiltradas | no numero 6, de 22 de Maio, do |  
Correio de Macau e não tivesse eu | o bastante escrupulo de desinfec- | tar o  
seu pacote, certo teria sido | victima do vibrião perigoso e re- | pugante de sua  
escrophulosa lin- | guagem ... viperina e tragica!...

No final da carta, há uma justificativa sobre o propósito da publicação:

i) ||Não foi somente pela flagrante | injustiça feita á riqueza e ao com- |  
mercio que tomei o arduo e santo | encargo de advogar ex-officio mi- | nha  
terra e meus visinhos; não: | foi tambem o desejo de illibar a | reputação e os  
costumes desse po- | vo sempre bom e ordeiro por indo- | le e por natureza, e  
que vi vilmen- | te insultado em linguagem de ar- | rieiro por algum  
pernostico qual- | quer. Quanto ao movimento com- | mercial, industrial e  
outros, esta- | mos sempre na vanguarda, não há | duvida e só o pode  
contestar o des- | peito mal contido.

Questões de ordem pessoal como desavenças familiares ocasionadas por escolhas políticas, desentendimentos sobre questões de demarcação de terras, defesa da honra, denúncias sobre badernas e maus costumes da população também são temas presentes nas cartas abertas que constituem o corpus desta pesquisa. Fazendo um paralelo com a realidade atual, podemos afirmar que as cartas abertas tinham função semelhante a que as redes sociais têm hoje.

Numa carta escrita pelo Senhor Francisco Borges de Andrade e publicada no Mossoroense em 11 de fevereiro de 1916, ele procura defender-se de calúnias e boatos contra sua honra e sua dignidade. Acusado de roubo e se dizendo inocente, escreve com o seguinte propósito:

j) ||Lançando estas linhas pela im- | prensa não tenho o intuito de pro- |  
testar contra os vis calumniadores, | porque esses merecem o meu | desprezo,  
mas é provocar as auto- | ridades aquém o caso competir | pra apurarem a  
imputação que | me fazem. || Provoco e provocarei sempre; | não temo o rigor  
da justiça. Abram- | se inqueritos, ouçam-se os empre- | gados do porto, do  
trapiche, das | repartições, façam-se buscas, appre- | nsões, tudo que o caso  
exigir | e apure-se o crime ou a inno- | cencia.

Há até uma carta aberta destinada ao governador do Estado do Rio Grande do Norte, na qual um funcionário público denuncia o administrador da Mesa de Rendas Estaduais de Areia Branca de não lhe fornecer uma certidão, necessária para fazer o

controle de mercadorias e proibir o contrabando. Essa carta, assim como outras cartas abertas que constituem o corpus analisado, foi publicada numa seção do jornal intitulada “SOLICITADAS”, porém com a seguinte ressalva antes do texto: “Sem responsabilidade da Redacção”. No trecho abaixo, selecionamos uma passagem em que o autor explica como o fato ocorreu:

k) ||Requeri novamente por cer- | tidão o teor d’aquellas, petição | e certidão, e SS. o Snr. Admi- | nistrador Theophilo Brandão,| indeferindo minha petição, bra- | dou enfurecido que podiam | mandar ao Thesouro do Estado | quantas denuncias quisessem | que ellas serviriam para miste- | res que a decencia manda calar. (O Mossoroense, 19 de outubro de 1904)

A análise das três categorias do gênero carta aberta pode ser melhor visualizada no quadro a seguir:

Quadro 3: Conteúdo temático, interlocutores e finalidade

Cartas abertas (1904 a 1929)					
Jornal	Data da Publicação	Conteúdo(s) temático(s)	Interlocutores		Finalidade (s)
			Emissor	Destinatário	
J 1	23/03/1904 16/04/1904 17/05/1904 24/05/1904 12/06/1904	Seca, açudagem e ferrovia	Redator	Dr. Sampaio Correia	Convencer Reivindicar
J2	24/04/1904	Intriga entre membros da imprensa local	J. Martins de Vasconcellos	Redator Bento Praxedes	Denunciar Defender
J2	12/06/1904	Intriga entre membros da imprensa local	J. Martins de Vasconcellos	Antero de Lima	Criticar, acusar e defender-se
J2	10/07/1904	Crítica literária	S. Fernandes	J. Martins de Vasconcellos	Elogiar
J1	19/10/1904	Denúncia contra funcionário público	Manoel Lúcio de Gois	Governador do Estado; Inspetor do Tesouro e leitores	Denunciar, acusar e esclarecer

J2	11/08/1907	Críticas ao governo federal e seca	Orlando Correia	Capitão Bento Praxedes	Elogiar, denunciar e acusar
J2	10/11/1907	Política	Um amigo	Orlando Correia	Elogiar
J1	08/08/1908	Crise do setor salineiro	Salineiros	Governador do estado	Denunciar, reclamar
J1	10/09/1911	Política	Justiniano Lins Caldas	Cel Manoel Lins Caldas	Esclarecer; defender-se
J1	13/03/1912	Demarcação de terras	João Lins Caldas	Redator do Jornal	Denunciar; esclarecer
J1	11/02/1916	Boatos, calúnia	Francisco B. de Andrade	Caluniadores	Esclarecer
J1	10/10/1917	Costumes e tradições	Ignacio Velho	Jerônimo Rosado	Esclarecer; denunciar; criticar
J1	23/04/1919	Ferrovias e açudagem	Jerônimo Rosado e outros	Autoridade Política	Reivindicar
J1	14/06/1929	Problemas policiais	Major Raymundo Rubira	Redator do Jornal	Esclarecer; defender-se

Legenda: J 1 – *O Mossoroense*  
J. 2 – *Commercio de Mossoró*

Como podemos ver, embora os temas das cartas abertas sejam variados, a maior parte aborda problemas vivenciados pela população da época, principalmente àqueles ocasionados pela seca. Quanto às finalidades das cartas, como a situação da população era difícil, as mais recorrentes são reivindicar, criticar, denunciar. Esses propósitos podem justificar o fato de as cartas serem destinadas a pessoas influentes e com poderes para resolver os problemas denunciados ou atender às reivindicações feitas pelos produtores em favor da população ou em favor próprio.

Ainda com relação às finalidades, o *corpus* contém cartas abertas cujos autores expõem problemas de ordem pessoal. Nesse caso as principais finalidades identificadas são defender-se de acusações e esclarecer fatos. Fica clara a tentativa desses emissores de contar para a opinião pública sua versão dos fatos para conseguir a adesão dos leitores, principalmente quando haviam sido vítimas de boatos e de acusações contra a honra.

## **Tradições discursivas que constituem as cartas abertas**

Para identificar e descrever as tradições discursivas que constituem as cartas abertas, partimos da definição de Kabatek (2004a, p. 7) que entende Tradição Discursiva como:

a repetição de um texto, de uma forma textual ou de uma maneira particular de escrever ou falar que adquire valor de signo próprio (portanto é significável). Pode-se formar em relação a qualquer finalidade de expressão ou qualquer elemento de conteúdo, cuja repetição estabelece uma relação de união entre atualização e tradição; qualquer relação que se pode estabelecer semioticamente entre dois elementos de tradição (atos de enunciação ou elementos referenciais) que evocam uma determinada forma textual ou determinados elementos linguísticos empregados.

A primeira TD que identificamos diz respeito à própria composicionalidade, ou seja, aos elementos normativos dos gêneros epistolares. As cartas abertas conservam em sua estrutura os elementos prototípicos que ajudam a identificar o gênero:

- *Abertura* – seção utilizada para saudar e identificar o destinatário da carta. Nas cartas abertas analisadas, quando o destinatário é uma autoridade e há um grau de distanciamento entre os interlocutores, a formalidade é caracterizada pelo emprego do pronome de tratamento, do título honorífico, seguido pelo nome (Ilustre Dr. Sampaio Correia); ou do pronome de tratamento seguido do cargo ocupado pelo destinatário (Exmo. Governador do Estado; Sr. Inspetor do Tesouro; Ilmo. Senhor Redator; Ilmo. Senhor. Gerente de *O Mossoroense* etc.)

Porém, quando não há distanciamento entre os interlocutores, os pronomes de tratamento são substituídos por atributos que dão pistas sobre a relação interpessoal existente: “Amigo dos sertões e dos sertanejos Capitão Bento Praxedes”; “Meu distinto amigo acadêmico de direito Orlando Correia”; “Meu irmão Cel. Manoel Lins Caldas.”; “Meu Jerônimo”.

Em uma das cartas analisadas, o pronome de tratamento foi substituído pelo adjetivo “incógnito”, cuja função é desqualificar o destinatário. Em outra, publicada em *O Mossoroense* na edição de 11 de fevereiro de 1916, a abertura prototípica é substituída pelo título: “A Calúnia e os Calumniadores”, uma vez que o emissor desconhecia o autor dos boatos espalhados na cidade contra sua pessoa, como fica claro na passagem a seguir:

l) || Baldados esforços tenho empre- | gado para descobrir o infame ca- | lumniador e apurar a sua crimina- | lidade ou desvendar o mysterio da | imputação, mas o covarde, o infá- | me occulta-se com a capa do ano- | nymato do OUVI DIZER, OS | FILHOS DE CANDINHA DIZEM | e assim vai assassinando a repu- | tação indefeza.

- *Texto* – seção em que se encontram o conteúdo da carta e o(s) propósito(s) a que visam atender.
- *Fechamento* – nessa seção podem aparecer uma expressão de despedida, a assinatura e o local e data.

A análise mostrou que as cartas abertas escritas pelo redator do jornal, não apresentam assinatura e local e data. Como, por exemplo, as cinco cartas abertas remetidas ao Dr. Sampaio Correia. Não são assinadas e apenas na última delas (publicada em 12 de junho de 1904) aparece a expressão de despedida “Preza aos céos”, uma tradição discursiva recorrente nas correspondências da época.

Do total de cartas analisadas, em 09 (nove) identificamos na seção de abertura o pronome de tratamento condizente com o papel social ocupado pelo destinatário. Nas demais o nome do destinatário é antecedido por um atributo: “Incógnito”; “Meu caro amigo”; “Amigo do sertão e dos sertanejos”; “Meu distinto amigo”. A maioria das cartas abertas traz a assinatura do emissor, local e data que situam o texto no momento da produção.

Algumas expressões de despedida encontradas em cartas pessoas e em cartas ao Redator da época também são empregadas: “Penhorado agradece o vosso constante leitor e amigo”; “Desculpa a minha prolixidade”; “E’essa a inabalavel convicção do seu irmão e am<sup>o</sup>”; “Abraça o teu amigo e admirador”; “Até esse dia” “Do sincero collega d’ *A Idéia*”; “Preza aos cèos”.

Outra tradição discursiva identificada nas cartas abertas analisadas é o emprego da segunda pessoa do plural, especialmente nas cartas destinadas a autoridades. O emprego formal da segunda pessoa do plural, além de evidenciar o distanciamento entre os interlocutores, lembra o estilo pomposo empregado nas cartas oficiais. A nossa hipótese é que as tradições discursivas das cartas oficiais foram incorporadas às cartas destinadas a autoridades publicadas em jornais. O emprego da segunda pessoa funciona como uma forma de identificação do grupo de jornalistas. Kabatek (2004a) menciona que certas escolhas linguísticas evocam um discurso que tem por finalidade identificar indivíduos como pertencentes a um determinado grupo. O emprego de “vós” quando se

faz referência ao destinatário da carta aberta e a correta flexão dos verbos não deixam de ser uma demonstração de que o emissor domina a norma padrão, aspecto valorizado no contexto sócio-histórico no qual as cartas circularam.

Como podemos verificar pelos trechos selecionados a seguir, na maioria das cartas o emprego de segunda pessoa para referir-se ao destinatário é recorrente:

m) ||Aqui chegando *testemunhareis* o | que não devemos mais descrever -  
| a fome e a nudez que *synthetisam* | a miséria do povo. (*O Mossoroense*,  
23/03/1904)

n) ||Já *tendes* visto grande parte dos | terrenos indicados para a fallada |  
estrada de penetração, e não *vos* | deve ter escapado que muitas des- | sas  
indicações se *acceitas* fossem, | *acarretariam* incalculáveis prejuízos | ao  
erário publico, e *consumiriam* | tempo incalculável (*O Mossoroense*,  
16/04/1904)

o) ||Na *vossa* viagem ao interior d’- | este Estado, perto do Assú *vistes* a |  
afamada lagôa do Piato, a maior e | mais útil que por aqui conhecemos,| mas  
que não terá agua, alem d’este | ano, porque, há tempos, agua não | recebe.  
(*O Mossoroense*, 17/05/1904)

p) || E’ ocasião de chamarmos *vo-* | *ssa* preciosa attenção ao que | disse o  
Sr. Graf com as epigraphes | “PROSPECTO DA EMPREZA”,” CON- |  
DIÇÕES TOPOGRAPHICAS” E “CONSI- | DERAÇÕES GERAES”. (*O*  
*Mossoroense*, 24/05/1904)

q) || A tarefa de que *vos achaes* in- | cumbido com os *vossos* dignos com-  
| panheiros, *affigura-se* nos assaz im- | portante e melindrosa. (*O*  
*Mossoroense*, 12/06/1904)

r) ||E’ com grande pezar que venho | até *vós* tomar parte e provar da |  
desabrida offensa que nos faz o | nosso collega d’*O Correio de Macau* | em  
sua edição de 8 deste mez, (...) (*O Commercio de Mossoró*, 24/04/1904)

s) || E *quereis* saber o extraordina- | rio numero de maleficios que nos |  
trouxe o Monopolio? Passo-vos | a expor alguns. (*O Mossoroense*,  
08/08/1908)

t) || Em tua alludida corres- | pondencia *fizestes* uma cen- | sura aos  
homens de pres- | tigio de nossa terra pela | attenção que dispensão a | certos

typos que perambu- | lam pelas ruas d'esta Villa | ganhando boas amizades, | por meio de enredo e his- | torias mentirosas. (*O Mossoroense*, 10/10/1917)

u) || Com a presente, vamos insistentemente reiterar o | pedido que **vos** fizemos em telegrama de 10 do | corrente, impetrando ainda que em companhia da co- | lonia Mossoroense ahi residente, representada pelos | Snrs. Cel. Antonio Soares do Couto, Cel. Hermoge- | nes Fernandes, Dr. Eufrazio Mario de Oliveira, Raul | da Silva caldas e Capitão Alipio Bandeira, envideis | todos os meios e esforços possíveis para a obtenção | de donativos (...) (*O Mossoroense*, 23/04/1919)

v) || Penhorado agradece o **vosso** | constante leitor e amigo. (*O Mossoroense*, 14/06/1929)

Com relação ao emprego dos pronomes, a análise mostrou que o emprego da segunda pessoa só ocorre nas cartas abertas destinadas a autoridades, principalmente aquelas cujo propósito é reivindicar. Uma das nossas hipóteses é que o emprego da segunda pessoa segue a tradição das cartas oficiais, nas quais se exige um maior grau de formalidade e distanciamento entre os interlocutores.

Por outro lado, as cartas com o propósito de criticar, denunciar, defender-se de acusações, por exemplo, os pronomes são em terceira ou segunda pessoa do singular, uso que segue a tradição das cartas pessoais.

w) | E' claro, porem, que ellas não podem | agir, desde que se não lhes offere- | çam qualquer queixa ou denuncia. | Infelizmente é vezo de algumas | pessoas da cidade de Mossoró | procurarem responsabilisar injus - | tamente as auctoridades de Areia | Branca, por actos que não lhes | compete (...) ( *O Mossoroense*, 14/07/1929)

## **Considerações finais**

Esta pesquisa mostrou que no início do século XX diversos gêneros epistolares tinham presença efetiva nos dois jornais pesquisados. As notícias de outras cidades se davam por meio das cartas de notícias, remetidas ao redator. O editorial também tinha a forma de carta. Nesse contexto, a carta aberta era o gênero textual escolhido quando a finalidade era reivindicar, denunciar, criticar, defender-se de acusações, acusar etc.

Sobre o conteúdo temático das cartas abertas, ficou claro que os temas são diretamente relacionados à vida dos habitantes de Mossoró ou de comunidades próximas. Assim, foi possível conhecer como as pessoas se posicionavam frente aos problemas advindos das sucessivas secas que marcaram as duas primeiras décadas do século XX no sertão nordestino; que críticas e cobranças eram feitas às autoridades para viabilizar obras de combate os efeitos da seca; como o programa de açudagem era visto pela elite econômica e como essa elite tentava influenciar as ações do governo; como foi a luta para viabilizar a construção de ferrovias; quais eram as causas das intrigas na imprensa e das desavenças pessoais publicadas nos jornais; enfim, que aspectos da vida das pessoas eram temas dessas cartas.

A análise mostrou também que no início do século XX as cartas abertas eram uma tradição discursiva da mídia impressa de Mossoró, mas, aos poucos, foi desaparecendo. Nossa busca por exemplares de cartas abertas no jornal *O Mossoroense*, uma vez que o jornal *Comércio de Mossoró* circulou por pouco tempo, mostrou que, após as duas primeiras décadas, elas desapareceram, assim como também desaparecem as cartas de notícias. Uma hipótese é que esses dois gêneros epistolares tenham sido transmutados, nos termos bakhtinianos, por outros gêneros, respectivamente o artigo de opinião e a notícia.

Por fim, quando afirmamos que o gênero carta aberta desapareceu dos jornais mossoroenses, não estamos querendo dizer que ele não seja mais praticado, pois se fizermos uma busca na Internet vamos encontrar inúmeros exemplares de cartas abertas destinadas a autoridades, a políticos, a chefes de nações, a organizações não governamentais etc. Os propósitos visam, principalmente, a interesses coletivos e ao estabelecimento de um posicionamento político. Geralmente são assinadas por sindicatos, partidos políticos, ONGS, instituições sem fins lucrativos etc. As cartas abertas não desaparecem, elas migraram para outro suporte.

## **REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

Andrade, Maria Lúcia C. V. de Oliveira. 2008 a. Tradições discursivas em cartas de leitores na imprensa paulista: estudo dos papéis sociais e formas de tratamento numa perspectiva diacrônica. In: *I SIMELP – I Simpósio Mundial de Estudos da Língua Portuguesa*. São Paulo: FFLCH - Unicsul, vol.1.

\_\_\_\_\_. 2008b. Cartas do leitor: a interatividade na correspondência publicada em jornais. In: *Revista da ANPOLL*, vol. 01, nº 25, p.138-165.

- Biasi-Rodrigues, Bernardete. 2010. A Trajetória do gênero anúncio em jornais cearenses dos séculos XIX e XX. In: Araújo Júlio Cesar de; Biasi-Rodrigues, Bernardete; DIEB, Messias (Orgs.) *Seminários Linguísticos: discurso, análise linguística, ensino e pesquisa*. Mossoró: Edições UERN, p. 17-33.
- Bonini, Adair. 2003. Os gêneros do jornal: o que aponta a literatura da área de comunicação no Brasil? *Linguagem em Dis(curso)*. Tubarão-SC: v. 4, n. 1, jul./dez., p. 205-231.
- Brandão, Helena H. Negamine e ANDRADE, Maria Lúcia V. C. O. 2009. Cartas da administração privada e cartas particulares: estudo da organização discursiva. In: Castilho, Ataliba Teixeira de (Org.). *História do Português Paulista*. Série Estudos. Campinas: UNICAMP/ Publicações IEL, p. 721-733.
- Coseriu, Eugenio. 1980. *Lições de Linguística Geral*. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico.
- Kabatek Johannes. 2004a. *Tradições discursivas e a mudança linguística*. Texto apresentado no encontro PHPB em Itaparica-BA, set. p. 1-23. Disponível em: <<http://www.kabatek.de/discurso/itaparica.pdf>. Acesso em 08/09/2015.
- \_\_\_\_\_. 2004b. Sobre a historicidade de textos. Trad. José da Silva Simões. *Linha d'Água*, nº 17, abr., p. 157-170.
- Costa, Alessandra Castilho da. 2008. Tradições discursivas em *A Província de São Paulo* (1875): gêneros textuais e sua constituição. In: *Anais do Simpósio Mundial de Estudos de Língua Portuguesa*, São Paulo. Disponível em: [http://dlcv.fflch.usp.br/sites/dlcv.fflch.usp.br/files/03\\_1.pdf](http://dlcv.fflch.usp.br/sites/dlcv.fflch.usp.br/files/03_1.pdf) . Acesso em 08/09/2015
- Koch, Peter. 1997. “Diskurstraditionen -zu ihrem sprachtheoretischer Status und ihrer Dynamik“. In: Barbara FRANK/Thomas HAYE/Doris TOPHINKE (Hg): *Gattungen mittelalterlicher Schriftlichkeit*. Tübingen, p. 43-79.
- Longhin, Sanderléia Roberta. *Tradições Discursivas: conceito, história e aquisição*. São Paulo: Cortez, 2014.
- Marcuschi, Luiz Antônio. 2002. Gêneros Textuais: definição e funcionalidade. In: Dionísio, Ângela Paiva; Machado, Anna Rachel e Bezerra, Maria Auxiliadora. *Gêneros textuais e ensino*. Rio de Janeiro: Editora Lucerna.
- Silva, Adriano Wagner da; Medeiros, Gabriel L. Paula de. 2008. A integração do território do Rio Grande do Norte pelos açudes e estradas de ferro. *Revista Fazendo História*. Ano I. Edição I, p. 61-83 . Disponível em: <http://www.cchla.ufrn.br/fazendohistoria>. Acesso em: 11 de setembro de 2015.
- Silva, Jane Quintiliano Guimarães. 2002. *Um estudo sobre o gênero carta pessoal: das práticas comunicativas aos indícios de intertextualidade na escrita do texto*. (Tese de doutorado). Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais.

Silva, Lucimar B. Dantas da. 2012. *Carta-crônica: uma tradição discursiva no jornalismo potiguar*. Tese (Doutorado em Linguística). Universidade Federal do Ceará; Programa de Pós-Graduação em Linguística, Fortaleza.

Zavam, Aurea. 2009. *Por uma abordagem diacrônica dos gêneros à luz da concepção de tradição discursiva: um estudo com editoriais de jornal*. Tese (Doutorado em Linguística). Universidade Federal do Ceará; Programa de Pós-Graduação em Linguística, Fortaleza.

